

O PROJETO AULA EM CASA NO AMAZONAS: A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO

Rosana Ramos de Souza¹

Resumo

O presente artigo é resultado de estudos e pesquisas realizadas em duas escolas da rede estadual do Amazonas durante o período de 2020 e 2021. E teve como objetivo geral conhecer as atividades lúdicas utilizadas pelos professores do 1º ano do Ensino Fundamental, durante o regime de aulas não presenciais. E como específicos, verificar quais foram às atividades lúdicas desenvolvidas pelos professores para os alunos do 1º ano, do Ensino Fundamental durante o período pandêmico, assim como identificar se os docentes obtiveram retorno das atividades propostas os alunos nas aulas *on-line* e analisar as contribuições das atividades lúdicas para o processo de alfabetização. A pesquisa caracteriza-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, e, teve como método de abordagem a fenomenologia, técnicas de coleta de dados a entrevista semiestruturada com professores da rede estadual que lecionaram para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental durante a vigência do regime de aulas não presenciais no ano de 2020. O resultado da entrevista expôs que Projeto Aula em Casa, adotado pela SEDUC/AM não obteve os resultados esperados devido às diversas dificuldades, entre elas, cito a ausência de apoio dos pais e responsáveis na realização das atividades enviadas às crianças, a limitação de acesso à internet, o uso de aparelhos telefônicos e ferramentas digitais.

Palavras-chave: Ludicidade. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Pandemia.

THE CLASSROOM AT HOME PROJECT IN AMAZONAS: PLAYFULNESS AS A MEDIATION INSTRUMENT IN LITERACY

Summary

This article is the result of studies and research carried out in two schools in the state network of Amazonas during the period 2020 and 2021. non-face-to-face. And as specific, to verify which were the recreational activities developed by teachers for 1st year students, of Elementary School during the pandemic period, as well as to identify whether teachers obtained feedback on the activities proposed to students in online classes and analyze the contributions of ludic activities for the literacy process. The research is characterized by a qualitative research, and had phenomenology as a method of approach, data collection techniques the semi-structured interview with teachers from the state network who taught the students of the 1st year of Elementary School during the term of the regime of non-contact classes in the year 2020. The result of the interview revealed that the Aula em Casa Project, adopted by SEDUC/AM, did not obtain the expected results due to several difficulties, among them, I mention the lack of support from parents and guardians in carrying out of the activities sent to the children, the limitation of internet access, the use of telephone devices and digital tools.

Keywords: Ludicity. Early Years of Elementary School. Pandemic.

EL PROYECTO AULA EN CASA EN AMAZONAS: LA JUGUETERÍA COMO INSTRUMENTO DE MEDIACIÓN EN LA ALFABETIZACIÓN

Resumen

¹ Professora Adjunta com Dedicção Exclusiva no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia de Parintins/UFAM e vice-coordenadora do Curso de Pedagogia. E-mail: rosanasouza@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0583-2549>

Este artículo es el resultado de estudios e investigaciones realizadas en dos escuelas de la red estatal de Amazonas durante el período 2020 y 2021. no presencial. Y como específico, verificar cuáles fueron las actividades recreativas desarrolladas por los docentes para los alumnos de 1° año de la Enseñanza Básica durante el período de pandemia, así como identificar si los docentes obtuvieron retroalimentación sobre las actividades propuestas a los alumnos en las clases en línea y analizar los aportes de Actividades lúdicas para el proceso de alfabetización. La investigación se caracterizó por ser una investigación cualitativa, y tuvo como método de abordaje la fenomenología, técnicas de recolección de datos la entrevista semiestructurada con docentes de la red estatal que impartieron clases a los alumnos del 1° año de la Enseñanza Fundamental durante la vigencia del régimen de clases no presenciales en el año 2020. El resultado de la entrevista reveló que el Proyecto Aula em Casa, adoptado por la SEDUC/AM, no obtuvo los resultados esperados debido a varias dificultades, entre ellas, menciono la falta de apoyo de los padres y tutores en la realización de las actividades enviadas a los niños, la limitación del acceso a internet, el uso de dispositivos telefónicos y herramientas digitales.

Palabras clave: Ludicidad. Primeros Años de la Escuela Primaria. Pandemia.

Introdução

No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou Pandemia devido a COVID-19 e o Amazonas registrou o primeiro caso no dia 13 de março de 2020, a suspensão das aulas ocorreu em decorrência do processo de transmissão do vírus, sendo o distanciamento social, uma medida preventiva contra a contaminação das pessoas.

A pandemia causada pelo vírus Sars-Cov-2 intensificou os prejuízos para educação das classes populares no Brasil, já desgastada desde o congelamento dos gastos públicos pela Emenda Constitucional 95/2016, encerramento de programas educacionais, a omissão do Ministério da Educação e as ameaças aos direitos sociais pelo ex-presidente Jair Bolsonaro.

O Governo do Estado via Secretaria Estadual de Educação buscou implementar estratégias para o acompanhamento dos estudantes da Educação Básica. O Conselho Estadual de Educação/AM estabeleceu no dia 18 de março o regime especial de aulas não presenciais aprovado pela Resolução nº 30/2020 e a Secretaria de Estado da Educação e Desporto do Amazonas instituiu o regime de aulas não presenciais via Portaria nº 311/2020.

O retorno das aulas ocorreu no segundo semestre de 2020 via acompanhamento por meio de grupos de Whatsapp². Foram noticiados obstáculos de diversas ordens, alunos que não dispunham de aparelho telefônico, o compartilhamento do aparelho celular por diversos membros da família, falta de acesso à internet, ausência de acompanhamento dos pais ou responsáveis nas atividades escolares, a perda de familiares para a Covid-19, o distanciamento do espaço escolar, dos amigos, pais que perderam emprego e ausência de espaços adequados para estudo. No rol de adversidades para a efetividade e qualidade das aulas não presenciais que influenciou da Educação Básica ao Ensino Superior, destaco processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental dos alunos do 1° ano do Ensino Fundamental,

² Aplicativo de envio e troca de mensagens, áudios e vídeos.

que necessitavam de acompanhamento e estratégias de estudos diferenciadas para iniciarem o processo de alfabetização.

A pesquisa teve como objetivo geral conhecer as atividades lúdicas utilizadas pelos professores do 1º ano do Ensino Fundamental, durante o regime de aulas não presenciais. E como específicos, verificar quais foram às atividades lúdicas desenvolvidas pelos professores para os alunos do 1º ano, do Ensino Fundamental durante o período pandêmico, assim como identificar se os docentes obtiveram retorno das atividades propostas os alunos nas aulas *on-line* e analisar as contribuições das atividades lúdicas para o processo de alfabetização.

O artigo retoma os conceitos de ludicidade, jogos e brincadeiras apresentados por Kishimoto (2011), destaca a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento e aprendizagem conforme já abordado nas teorias sociointeracionistas (Piaget, Wallon e Vygotsky) e os destaques presentes nos marcos legais da educação (Diretrizes, BNCC), bem como apresenta o “Projeto Aula em Casa” desenvolvido durante o período pandêmico para educação para os alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

No Amazonas, a Secretaria de Educação e Desporto (SEDUC) adotou o termo “regime das aulas não presenciais”, criou-se através de Portaria o “Projeto Aulas em Casa”, as aulas eram transmitidas via *Youtube* e canais de TV para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, as crianças adolescentes e jovens deveriam acompanhar as aulas em horários específicos. Durante o regime de aulas não presenciais os professores precisaram adequar as estratégias de ensino para alcançar o maior número de alunos, a fim de cativar e estimulá-los no processo de ensino-aprendizagem, coube o desafio de realizar o processo de transição e alfabetização via acompanhamento das aulas transmitidas pela *Youtube* e/ou televisão e grupo de *WhatsApp*.

1.1 Processo de transição da educação infantil para ensino fundamental.

No campo teórico e nas discussões acerca da prática escolar havia diferentes abordagens sobre o processo de transição da educação infantil para o Ensino Fundamental. No âmbito formal houve uma regulamentação a partir de 2010. Com a Resolução CNE/CEB nº7, de 14 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010), que fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, foi atribuída atenção específica à articulação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, considerando a necessidade de valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes e a recuperação do caráter lúdico no ensino, de modo a oferecer uma melhor qualificação das ações pedagógicas junto às crianças matriculadas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A transição das etapas de ensino para as crianças, gera ansiedade, insegurança, medo de situações que os colocam em avaliação, sendo assim torna-se primordial que essas situações sejam trabalhadas pelo professor junto ao aluno, com a finalidade de fortalecer o aprendizado, a autonomia e a criatividade, respeitando cada etapa dos alunos para que se sintam seguros mediante ao processo de transição para ensino fundamental. Desta forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assegura que:

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. (BRASIL, 2017, p. 53).

Para tanto, o processo de acolhimento e inserção do aluno no Ensino Fundamental deve se levar em consideração todo o conhecimento que a criança adquiriu anteriormente e a maneira como deverá ser abordado novos saberes. Por este motivo Kramer (2007) afirma que:

Educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso. O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. E, com as práticas realizadas, as crianças aprendem. Elas gostam de aprender. Na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos. (KRAMER, 2007, p. 20).

Por esta razão, alguns estudiosos comentam sobre a importância do educador se utilizar de uma prática lúdica com o propósito de continuar com o processo de ensino, de uma maneira divertida e envolvente, conforme pontuado na BNCC:

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (BRASIL, 2017, p. 37)

Em vista disso, a ludicidade torna-se um fator primordial para a continuação do processo dos componentes curriculares, com a finalidade de atrair a atenção do aluno e desenvolver sua capacidade criativa.

Considerando a ludicidade na E.I e o processo de transição para o E.F, se faz necessário que a escola transmita para o aluno uma postura mais acolhedora, atenta e segura. Todo o processo educativo da criança precisa valorizar o processo já realizado anteriormente, valorizando o conhecimento já adquirido anteriormente para garantir o rendimento, não só dos conteúdos para os alunos, mas também para garantir uma metodologia lúdica para potencializar a aprendizagem do aluno.

1.2 Projeto aula em casa

Com isolamento social causado pela Pandemia do Novo Coronavírus (Sars-Cov-2), as escolas, universidades foram fechadas para evitar a transmissão da doença. De acordo o Anuário Brasileiro de Educação Básica (2021), as escolas ficaram fechadas no Brasil por 40 semanas e assim que houve o retorno presencial, a princípio ocorreu de forma escalonado, o retorno as aulas presenciais ocorreram de acordo com o quadro sanitários de cada Estado ou município.

O Ministério da Educação (MEC) publicou no Diário Oficial da União a Portaria de nº 343 de 17 de março de 2020 que, “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”. (BRASIL, 2020).

Os Órgãos competentes buscaram alternativas de manter a continuidade das aulas no segundo semestre de 2020, para não acarretar na perda do ano letivo e evitar a contaminação das pessoas, considerando que até o momento não havia vacina. Uma das alternativas foi o Ensino Remoto Emergencial (ERE) que teve o objetivo de proporcionar a continuidade das aulas nas instituições de ensino, fazendo uso das Tecnologias Digitais (TD), com a finalidade de conduzir o ensino de forma síncrona³ e/ou assíncrona⁴. O ERE pode ser considerado como uma estratégia temporária, com a finalidade de suprir as necessidades educacionais. Joye et. al (2020, p. 13), pontuam, “O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um novo

³ A comunicação acontece em tempo real, consequentemente as interações são imediatas.

⁴ A comunicação não acontece em tempo real, consequentemente as interações acontecem por com intervalo de tempos de forma descontínua.

modelo educacional, mas fornecer acesso temporário aos conteúdos e apoio educacional de uma maneira a minimizar os efeitos do isolamento social nesse processo”.

No Amazonas, após o Conselho Estadual de Educação/AM estabelecer no dia 18 de março o regime especial de aulas não presenciais, aprovado pela Resolução nº 30/2020 e a Secretaria de Estado da Educação e Desporto do Amazonas, instituiu o regime de aulas não presenciais via Portaria nº 311/2020. Com isso, O Projeto Aula em Casa foi implementado com o objetivo de operacionalizar o regime das aulas não presenciais.

O Projeto Aula em Casa é uma iniciativa do Governo do Estado do Amazonas por meio da Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC-AM) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) que em função da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (COVID-19), objetivam disponibilizar à comunidade escolar conteúdos didáticos pedagógicos para possibilitar a continuidade dos estudos fora do ambiente escolar presencial (SEDUC, 2020).

O Projeto Aula em Casa⁵ tinha “como objetivo ofertar estratégias pedagógicas que pudessem apoiar o ensino remoto/híbrido para todas as séries do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (2º e 3º Segmento) e Educação Infantil” (SEDUC, 2020). Contemplando as seguintes estratégias.

QUADRO 01: Estratégias do Projeto Aula em Casa

Organização de conteúdos por séries/etapas.	Videoaulas (acervo digital)
Curadoria de recursos midiáticos.	Videoaulas ao vivo.
Programação Televisiva.	Atividade Interativa.
Disponibilização de recursos digitais on-line.	Cartelas.
Disponibilização de recursos digitais off-line.	Testes on-line (Exercitando).
Caderno Digital.	Caderno Digital para Estudantes e Professores.
Material informativo.	Roteiros de estudos.
Eventos formativos para professores.	Tutoriais

Fonte: SEDUC, 2020. Adaptado pelo autor.

Como se observa as estratégias eram claras, porém, não exequíveis para os alunos das camadas populares que não dispunham de aparelho eletrônico, acesso à internet, pais ou responsáveis como apoio para ajudar nas atividades, pois, os pais também mantiveram trabalhando fora de casa, ou ainda transformaram o espaço de casa em ambiente de trabalho. Ressalta-se nos alunos do campo, quilombola e indígena das áreas longínquas que não

⁵ http://www.aulaemcasa.am.gov.br/?page_id=44

dispunham de acesso as atividades eletrônicas ou meio digital. Entende-se que o Projeto Aula em Casa não possibilitou o suporte necessário para os alunos continuarem aprendendo no ambiente domiciliar durante o período pandêmico.

2 Metodologia

Utilizou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com a abordagem fenomenológica, com o objetivo de conhecer as atividades lúdicas utilizadas pelos professores do 1º ano, do ensino fundamental durante o regime de aulas não presenciais. A pesquisa do tipo qualitativa responde a questões particulares, visto que ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2002, p. 21).

Em função disto, optamos por um método de abordagem fenomenológico. Gil (2008) explica que segundo Edmund Husserl, a fenomenologia se propõe a estabelecer uma base segura e liberta de proposições para todas as ciências. Nessa abordagem o autor deve se preocupar em mostrar e esclarecer o que é posto na realidade, material, empírica, observável. Desta forma, a pesquisa fenomenológica é um método que “não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos” (GIL, 2008, p. 14).

Foram identificadas sete escolas da rede estadual na área urbana e duas escolas na área rural, que ofertaram o 1º ano EF no ano de 2020. Destas foram definidas como locais de pesquisa, as escolas que possuíam o maior número de turmas ofertadas e maior número de alunos matriculados por turma: Escola Estadual “Ryota Oyama” e Escola Estadual “Padre Jorge Frezzini”.

Os professores entrevistados foram identificados com os nomes dos povos indígenas: Apurinã, Desana, Matis, Parintintim, Sateré Mawé. Segundo Marconi e Lakatos (2002): “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 92).

Os professores entrevistados eram formados em Pedagogia e/ou Normal Superior e afirmaram ter concluído especialização nas áreas de Psicopedagogia, Letramento Digital, Tecnologia da Educação e Educação Inclusiva. Verificou-se que o tempo de experiência na docência dos professores variava entre 2 anos, 6 anos, 8 anos e 38 anos. Constata-se professores com ampla experiência na docência e professores que estavam no início da carreira profissional.

3 Resultados e discussões

O presente tópico busca apresentar os resultados da entrevista com os professores alfabetizadores durante as aulas não presenciais de duas escolas da rede estadual do Amazonas.

A buscar conhecer a concepção dos professores sobre a ludicidade no processo de alfabetização identificou-se opiniões semelhantes ao afirmarem que a Ludicidade é uma prática de grande importância para o processo de alfabetização dos alunos, além de influenciar a criatividade, a imaginação, a motricidade, durante a realização das práticas, a fim de tornar o ensino mais prazeroso e atrativo. Entretanto, os profissionais apontaram para a deficiência que tiveram na utilização da ludicidade como prática exercida nas aulas não presenciais.

[...] foi um pouco mais complicado, por que nós estávamos atrás de uma tela de celular, de computador, e por mais que nós falássemos sobre ludicidade, enviássemos atividades para serem desenvolvidas em casa com os pais, acabou sendo complicado para os alunos, por conta da ausência do auxílio dos pais [...] (MATIS).

Outro professor corrobora com essa afirmação ao relatar:

Ano passado eu não tive os retornos né, a gente passava atividade, mas não voltava pouquíssimos retornaram, mas era muito difícil e a gente cobrava, eu dizia que valia nota e mesmo assim não tive retorno, então era difícil trabalhar alguma atividade lúdica. (SATERÉ MAWÉ).

Apurinã reitera:

A criança se interessa, ela tem interesse, mas muitas vezes não tinha realmente a disponibilidade dos pais, aquela disposição de construção, de construir com as crianças, então eles retornavam mais quando era impresso mesmo, porque era uma coisa mais prática né. [...], mas eu trabalhava no ensino remoto não só com a construção, mas também com jogos, esses jogos assim de celular mesmo né aí eles, eu creio que participavam mais, alguns davam retorno, mas eu penso que com certeza atraiu a atenção deles. (APURINÃ).

Sateré Mawé atualmente trabalha no 2º ano com os mesmos alunos que lecionava no ano de 2020 e corrobora:

[...] então esse ano a gente está fazendo assim um trabalho de educação infantil, ainda com eles, tem uns que estão avançados, porque tiveram acompanhamento dos pais em casa durante a pandemia, mas assim de uma turma com 28 alunos, eu acredito assim que só uns 8 que estão avançados e o restante, estão com bastante dificuldade, mas a gente espera que até final do

ano, pelo menos, eles consigam aprender ao menos o alfabeto que é o principal. (SATERÉ MAWÉ)

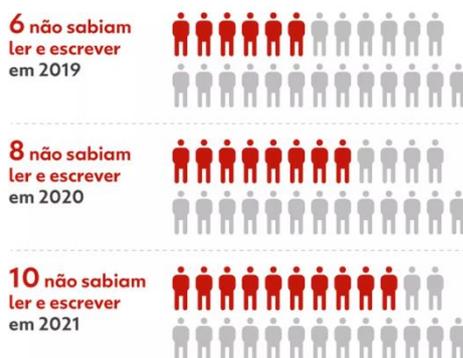
Segundo o levantamento apontado pela ONG Todos pela Educação, que usa como base os dados disponibilizados pelo IBGE⁶, destacam o crescente prejuízo causado pela pandemia na educação, ao mostrar o percentual de 40,8% das crianças brasileiras na idade de 6 a 7 anos em 2021 que não sabiam ler nem escrever. O diferencial dos outros anos é perceptível como pode ser observado no gráfico abaixo disponibilizado no site do g1.com.

Figura 01: Alfabetização na pandemia

A alfabetização na pandemia

Aumentou o número de crianças de 6 e 7 anos sem ler e escrever

De cada 25 crianças brasileiras...



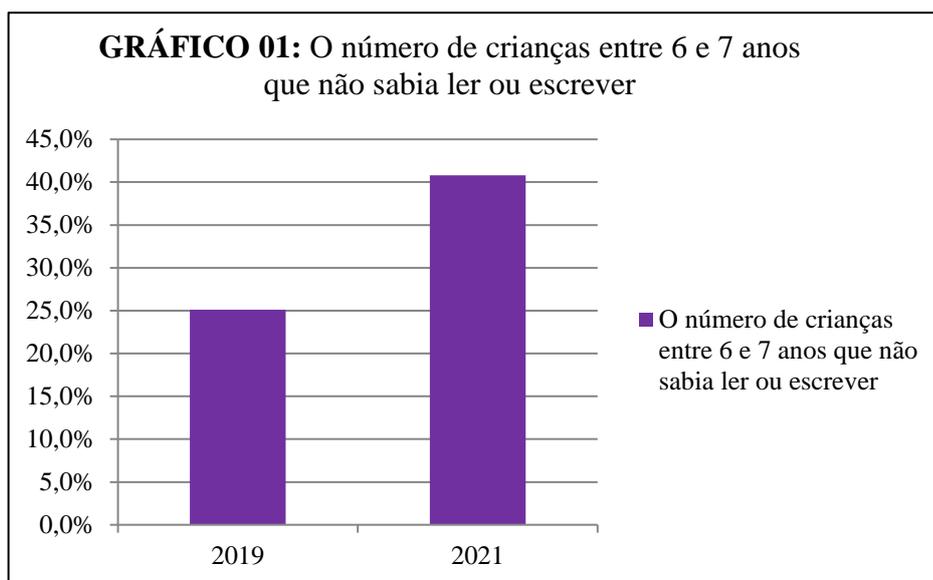
g1 Fonte: IBGE/Pnad Contínua/Todos Pela Educação
Infográfico elaborado em: 07/02/2022

Fonte: G1, 2022

Entre os anos de 2019 a 2021, é perceptível a crescente porcentagem de crianças no Brasil, que tiveram seu ensino abalado de forma significativa, assim como consta as informações disponibilizadas no site de notícias⁷, “O aumento é de 65,6% em comparação com os números de 2019. O levantamento não leva em consideração amarelos, indígenas e não declarantes. Se considerasse esses públicos, o aumento seria de 66,3% entre 2019 e 2021”. Para tanto, o aumento do analfabetismo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ocorreu devido a interrupção repentina no andamento das aulas por conta da Pandemia, pois ainda segundo o site “O número de crianças entre 6 e 7 anos que não sabia ler ou escrever saltou de 1,429 milhão em 2019 (o equivalente a 25,1% das crianças brasileiras nessa faixa etária) para 2,367 milhões (40,8% das crianças) em 2021”. Conforme se verifica no gráfico subsequente:

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁷ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/02/08/numero-de-criancas-que-nao-aprenderam-a-ler-e-escrever-aumenta-na-pandemia-aponta-levantamento.ghtml>



Fonte: adaptado pelo autor segundo o G1.com

O gráfico expõe o alto número de crianças que não foram alfabetizadas no ano de 2020, ano em que as aulas aconteceram de forma virtual, com uso de diferentes ferramentas de digitais. Ressalta-se as desigualdades regionais, no Amazonas o acesso limitado a internet, a ausência de sinal para ligações simples é tema recorrente, dificulta a participação nas atividades on-line.

Acerca das atividades pedagógicas realizadas Desana comentou baseada nos conceitos de Montessori, quando afirma que:

[...] trabalhando então tudo o que ela fala que tem que estar no alcance da criança, eu penso também que tem está no contexto da criança, às vezes era muito difícil pedir, por exemplo, para fazer a massa de modelar, muitas crianças diziam que não tinham tinta em casa sabe aí a gente combinava assim, “vamos fazer com outra coisa”, “tem urucum⁸ em casa, então já é uma tinta entendeu?” (DESANA)

Matis também comenta sobre se basear em conceitos voltados a teoria de Vygotsky, ao relatar que:

⁸ Fruto do urucuzeiro, árvore típica da América tropical, o fruto pode ser usado tanto para corantes, produtos de pele ou até mesmo, tempero (colorau).

[...] tem crianças que a gente olha quando ela desenvolve alguma atividade, a gente vê que ela tem um potencial muito grande, só que o meio que ela vive em casa, às vezes os problemas, tudo aquilo que é vivido fora da escola, acaba que travando essa criança, então aquela habilidade aquele potencial que ela tem, acaba ficando estagnado não é desenvolvido e aquela criança ela não se desenvolve então, eu levo em consideração muito isso. (MATIS).

Comenta também com relação à teoria Behaviorista acerca dos seus estudos voltados ao estímulo e resposta, quando explica que:

Muitas pessoas consideram pelo lado negativo, eu já vejo como um a mais, não digo que é o principal, mas é um a mais, porque a criança ela tem que ser estimulada aí ela recebe uma recompensa, no sentido de não só de uma nota, mas do reconhecimento, muitas vezes de um elogio ou muitas vezes um adesivo no caderno ou uma posição de liderança na sala de aula, então assim, essa questão do estímulo e resposta que eu trabalho muito com os meus alunos e eles acabam se empolgando interagindo bastante nesse sentido[...] (MATIS)

Matis comenta também sobre o método de Montessori, afirmando que procura desempenhar esse conceito em sala de aula, pois preza pela autonomia da criança tanto em sala de aula como também mediante a qualquer outra situação, salientando a ideia do brincar como instrumento colaborador desse processo, ao afirmar que:

[...] a gente faz uma brincadeira que é voltada para o objetivo daquela aula que é aprender determinado conteúdo, mas se não pegar o caderno, escrever eles acham que não estão estudando, aí eu sempre explico para eles que em qualquer lugar onde eles estão, eles podem aprender, em casa, assistindo televisão ou na rua. (MATIS)

Ao discorrer da experiência em alfabetizar os alunos do 1º ano do ensino fundamental durante o regime de aulas não presenciais, mediante ao processo de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os entrevistados comentaram que mediante ao momento pandêmico os alunos não puderam ter acompanhamento para o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental e acompanhamento para alfabetização por conta da necessidade de se manter uma aula através do WhatsApp, afinal o aluno não estava em sala de aula para receber as devidas orientações acerca das mudanças realizadas naquele nível de ensino, muito menos o trabalho que deveriam ser desempenhado naquele momento para influenciar a autonomia no aluno, como comenta Matis:

[...] para as crianças que saíram do ensino infantil pro ensino fundamental no remoto eu creio que foi muito complicado, até para os pais, porque para os pais é novo, eles estão acostumados desde os dois ou três anos de idade a criança começa a estudar com uma forma de metodologia do professor [...] até

a linguagem é diferente, então até o processo de amadurecimento da criança também acontece. Nesse processo o professor quando está na sala de aula, ele explica como é que funciona, a atividade que tem que ser desenvolvida, aquilo que a criança já sabe, [...] só que eles ficaram em casa com os pais, então certeza de que vai ter atividade dos professores que os pais auxiliavam a fazer a hora que quisesse, a gente não sabia se realmente era criança que fazia, então não tinha questão da responsabilidade da criança, de pegar seu lápis, sua borracha, porque ele estava com a família, então para ele souberam só o que realmente era ensino quando vieram para sala de aula da escola, pelo ambiente, pela rotina,[...] (MATIS)

Eles afirmaram que o regime de aulas não presenciais foi uma complicação para os alunos e educadores, por conta da rotina de trabalho que mediante a esta realidade das aulas não presenciais foi prolongada para alguns educadores que se disponibilizavam a atender os alunos até depois do horário, no entanto os docentes frisavam a necessidade de se criar uma rotina para a criança, ainda que não fosse possível acompanhar a turma.

[...] então eu trabalhava como se estiver trabalhando nas aulas, a rotina era como se tivesse na escola, porque eu tinha que criar horários para os alunos, para eles poderem acompanhar, era como eu sempre falava pro pais, que a criança não é que ela tinha que fazer toda atividade, mas ela tinha que estudar um pouquinho no dia, se não der para terminar tudo bem, na escola eles também não terminam, mas eles tinham que ter uma rotina de estudos [...] (MATIS).

Com relação à prática desempenhada com as turmas, Desana comenta:

[...]às vezes era difícil também para mim, ter o acesso aqui na escola e levar para casa, mostrar para eles, fazer vídeo. Lá em casa, eu construí uma escolinha para gravar aula [...] eu pedia para eles, por exemplo, assistirem um vídeo infantil, aí eu mandava o link às vezes eu pegava e pedia para que eles baixassem [...] no primeiro ano eles dependem muito dos pais e muitas vezes os pais não tinham tempo né, ou chegavam só a noite, então era muito ruim trabalhar no primeiro ano. (DESANA)

Apurinã também relata acerca da experiência com relação à aula ministrada para alunos, tendo em vista que foi a primeira experiência com turmas de 1ºano do Ensino Fundamental.

Eu iniciei ano passado no Ensino Fundamental, então eu já estava me acostumando no fundamental e passamos uns dois meses na sala. Veio à pandemia e então tudo muda novamente para aprendermos a trabalhar de forma remota, foi um pouco complicado, essa questão, uma coisa que ninguém estava preparado, afinal ainda estávamos iniciando o Ensino Fundamental, então confesso que não foi tão fácil e eu tive que seguir aquela linha do que era colocado para gente pelo sistema da forma como estava sendo organizado e ofertado as aulas remotas, então eu fui seguindo as atividades impressas,

mas procurava adaptar para eles, voltado para a realidade, mais sempre seguindo a partir das vídeos aulas do projeto aula em casa⁹. (APURINÃ).

Silva e Silva (2021) comentam acerca das propostas da SEDUC, que tinham como o intuito de nortear o funcionamento das aulas através do projeto “Aula em Casa”.

Às Unidades Escolares cabia à execução das propostas deliberadas nos níveis centrais de gestão com pouco espaço para autonomia no planejamento pedagógico. Os docentes seriam os responsáveis por manter o contato com estudantes pais e responsáveis via aplicativos de mensagens instantâneas ou outros dispositivos de comunicação a distância para orientar sobre os estudos e realizar avaliações (SILVA e SILVA, 2021, p. 28).

Sobre o projeto Aula em Casa, Parintintim relata que:

A pedagoga baixava as cartelas eu montava a aula e retirava muita coisa, porque era muita informação numa aula só, aquela aula era pra criança que já sabia ler e escrever, [...] então em um dia era trabalhado o número até 50, na outra aula já era até 100, então eu pensava, “essas crianças ao menos sabem fazer o 1, o 2 ou o 3?”, então aquelas aulas eram boas, mas para quem já sabia ler e escrever. (PARINTINTIM)

Os profissionais também comentaram acerca da questão psicológica em que não só os alunos como todas as pessoas também foram envolvidos, afinal como foi relatado, a ansiedade, o medo a preocupação também se fizeram presentes diante das aulas não presenciais, mesmo que os profissionais pretendessem elaborar práticas mais eficazes para os seus alunos a preocupação com relação a Covid-19 os afligia diariamente tirando lentamente o entusiasmo do profissional para criar estratégias mais eficazes. Como se verifica no relato de Matis:

[...] então com que cabeça que eu vou ter motivação para dar aula e para fazer com que os meus alunos aprendessem, então é um desafio duro né e tanto de nós em colocarmos as aulas no grupo do WhatsApp, [...] mais também como fazer com que aquele aluno tivesse vontade de estudar, [...], porque a gente tinha que fazer com que aquele aluno participasse [...] ainda tinha isso, além de postar as aulas e ter interação com os alunos, tinha que fazer com que aquele aluno tivesse interesse de estudar também [...] (MATIS).

Diante do que foi exposto questionou-se aos educadores acerca da eficiência da metodologia abordada com o olhar lúdico, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos docentes, como foi relatado anteriormente, com o propósito de conhecer quais as práticas realizadas pelos profissionais diante das aulas não presenciais, que alcançaram o interesse dos

⁹ O programa foi lançado em 23/03/2020, pelas Secretarias Municipal de Educação (SEMED) e de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC) consiste em um regime especial de aulas não presenciais.

alunos, ainda que sob a grande dificuldade com relação aos retornos das atividades elaboradas baseadas na ludicidade.

Desta forma foram citadas as utilizações de jogos *on-line*, construção de materiais pedagógicos, elaboração de práticas voltadas as datas comemorativas, confecção de brinquedos, a partir dos materiais dispostos na própria residência, como conta um dos professores:

No dia das crianças, eles mesmos produziram os brinquedos deles, então eles pegavam o material que eles tinham, por exemplo, caixa de leite, eles transformavam em um carrinho, eu via que eles mesmos estavam fazendo, eles estavam recortando, pintando, tudo do jeito deles, mas eles que fizeram então eu acho que no mês de outubro do ano passado foi bem legal essa atividade de artes. [...] Eles fizeram de imitar também, na musicalização, que era voltado aos sons, como por exemplo, “faz o som do cavalo” e aí eles faziam eles mandavam áudio. As cantigas de roda também, que faz parte do universo da educação infantil ainda né, aí eu falava para eles, “grava um vídeo de você dançando uma cantiga de roda”, aí já dançavam [...] Até as crianças que nunca tinham aparecido à semana toda apareciam, gravavam vídeo dançando, fazendo tinta, por exemplo [...] (DESANA).

Ou também qualquer outra atividade lúdica que fizesse a utilização dos materiais dispostos na própria residência, como relata um dos professores.

[...] uma das coisas que chamou bastante atenção foi quando eu trabalhei com eles, sobre o sistema decimal, eram das dezenas e eles deveriam utilizar alguma coisa de casa que tivessem dez unidades, um objeto que representassem dez unidades, poderia ser qualquer coisa na casa, então eles apareceram com muitas coisas, que eu achei “olha que criativo deles”, teve crianças que mostraram 10 laços, outros mostraram 10 sapatos ou 10 bolinhas de gude, 10 bombons, 10 lápis de cores, 10 pratos, ou seja, eles utilizaram diferentes tipos de objetos de casa e nas fotos ficava divertido de ver [...] (MATIS)

Matis também comenta sobre outra prática que realizou com seus alunos no dia 18 de maio, Dia Nacional do Combate ao Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Quando relata que trabalhou:

[...] com eles com a confecção do cartaz, eles tinham que posar para uma foto segurando um cartaz em algum ponto da cidade, aí eles foram lá no Porto tirar a foto, foram no aeroporto, teve alguns que foram em frente ao supermercado, eles usaram bastante criatividade, eu achei interessante eles ficarem em um ponto da cidade com um cartaz, eu achei muito interessante a participação porque tinha alguns que não participavam. (MATIS)

Os professores também comentaram sobre o envolvimento dos pais ou responsáveis no desenvolvimento das atividades propostas, por conta da criança está no 1º ano e está impossibilitado de receber o auxílio do docente de forma presencial durante esse período. Os docentes pontuaram diversas vezes sobre o não retorno das atividades práticas, com teor lúdico, relatando que mesmo que estas obtivessem uma atenção considerável dos alunos, na maior parte do tempo e com relação às outras atividades, os professores não obtinham o mesmo êxito na realização das práticas.

Tendo em vista os relatos podemos elencar como os principais obstáculos para o desenvolvimento das aulas: problemas com a conexão da internet ou também do próprio aparelho celular para o acompanhamento dos grupos criados no WhatsApp; Ausência no acompanhamento dos alunos por parte dos pais ou responsáveis com relação ao desenvolvimento das atividades; atividades realizadas pelos pais ao invés dos alunos; o psicológico abalado tanto dos docentes como toda a comunidade escolar, ausência de uma rotina estabelecida para questionamentos acerca do desenvolvimento das atividades e a falta de preparo para os docentes com relação a realização das aulas por um ensino mediado através de aparelhos eletrônicos em específico o celular.

Mediante aos relatos, procurou-se indagar ao educador acerca das estratégias realizadas para enfrentar tais obstáculos. Obtendo algumas explicações acerca do desenvolvimento das práticas realizadas com o teor lúdico e também da atenção que os professores devem ter ao instruir tanto os alunos como também os pais, acerca do funcionamento das ferramentas disponíveis no aparelho celular, para que os responsáveis tenham êxito ao acessar os documentos enviados pelos docentes, enquanto outros relataram que não havia muito que ser feito, a não ser continuar com os envios dos trabalhos, enquanto se disponibilizavam a ajudar o seu aluno em suas possibilidades.

Ao questionar aos docentes acerca das suas opiniões sobre a eficiência da alfabetização dos alunos, ainda que mediante ao regime de aulas não presenciais, foi possível analisar que quase unânime dos profissionais constataram sobre a ineficiência da prática realizada durante o Projeto Aula em Casa, ainda que baseado em metodologias lúdicas ou até mesmo das atividades propostas pelos órgãos competentes.

Alguns docentes relatam que foi apenas quando retornaram para a instituição e conseguiram acompanhar os seus alunos foi que constataram a defasagem no aprendizado.

Como eu falei, eles não conseguem nem escrever o nome, nem reconhece as letras, então a gente teve que trabalhar a nível de educação infantil, trabalhando essa junção de atividades começando pelo nível de educação

infantil até cada um conseguir alcançar um nível de ensino fundamental mesmo. (SATERÉ MAWÉ).

Diante dos relatos apresentados foi possível analisar que alguns educadores, ainda que em seu repentino susto com relação ao impacto que a Pandemia teve para o ensino presencial nas escolas, procuraram se reinventar em suas disciplinas para que o ano não fosse totalmente perdido, mesmo que a realização das aulas fosse envolta de diversos problemas que apenas ficaram mais evidentes nas aulas remotas.

No entanto, foi possível verificar que os docentes procuraram não somente ministrar as aulas sem um devido direcionamento, mais se utilizaram de todas as ferramentas possíveis em busca de atrair a atenção do aluno para a importância da aprendizagem enquanto faziam uso de práticas lúdicas, mesmo com a impossibilidade de estar próximo ao aluno para responder os possíveis questionamentos acerca das atividades propostas, eles procuraram se manter abertos a novas possibilidades e se necessário criar as próprias possibilidades.

Constatou-se que os educadores conseguiram o mínimo para alfabetizar alguns dos seus alunos, em contrapartida houve profissionais que afirmaram não obter o mesmo resultado, comentando acerca da impossibilidade de se alfabetizar através do material disponibilizado, do funcionamento da internet ou da ausência desta, do baixo retorno das atividades propostas com teor lúdico e também com relação à impossibilidade de trabalhar sem poder observar o desenvolvimento real de seu aluno. Ainda que com (SENHORAS, 2020, p. 132):

O grande número de canais de comunicação, durante a pandemia, os professores experimentaram a solidão profissional e o isolamento educacional. Durante a transição para o ensino remoto, a comunicação presencial se perdeu não apenas entre o professor e os alunos na sala de aula, mas também entre os próprios professores.

Em razão disso foi atribuído aos docentes a responsabilidade de educar, não apenas os alunos, mais também os pais destes, para serem cidadãos digitais.

Hodges et. al (2020) também explica em seu artigo acerca da importância de atentar-se as ferramentas de ensino proposto aos alunos, durante o ERE, pois segundo o autor:

O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante uma emergência ou crise. (HOLGES, et al. 2020).

Desta forma, compreende-se que as dificuldades impostas aos professores, alunos e pais foram maiores que o êxito esperado na implementação do Projeto do Aula em Casa. É evidente também o descaso do Ministério da Educação na implementação de políticas que pudessem auxiliar gestores, professores e pais durante o período pandêmico. E mesmo após, o retorno a escola, a constatação do déficit educacional em diversas regiões do país agravadas pela ausência de aulas durante a pandemia, não houve nenhum programa voltado para atividades que pudessem colaborar para diminuir as perdas educacionais.

Considerações finais

O presente estudo se propôs a discorrer sobre as atividades lúdicas desenvolvidas para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental durante a execução do Projeto Aula em Casa. Notou-se lacunas, ausência de parcerias dos pais e responsáveis dos alunos, as dificuldades advindas do período pandêmico.

Constatou-se que os educadores buscaram maximizar as possibilidades, procuraram se reinventar e se adaptar a uma nova forma de se fazer a educação, considerando que os profissionais não estavam preparados para ensinar mediante a tantos obstáculos, desde a relação entre pais e filhos, o desânimo na realização das atividades pelos alunos, o desânimo também dos docentes ao se proporem realizar uma metodologia com base na ludicidade e não obterem resultados ou até a questão da internet disponibilizada na cidade, assim como, o custo para manter a ativação do pacote de internet, no período de postos de trabalho, redução das rendas familiares.

Considera-se que as atividades lúdicas utilizadas durante nas aulas não presenciais somadas às adversidades provocadas pela pandemia contribuíram para o aumento de crianças não alfabetizadas nos anos de 2020 e 2021. Com o retorno para as aulas presenciais há necessidade de implementação de estratégias que visam garantir a aprendizagem das crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Referências

Anuário Nacional da Educação Básica. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/anuario-educacao-basica/2021/ensino-fundamental.html>. Acesso em 26 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 27 set. 2021.

_____. **Portaria nº 343** (2020). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/** Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. (2020). **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 20 out. 2021.

_____. **Plano Nacional de Educação. Lei nº 13.005/2014.** <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 26 fev. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HODGES, C. et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review.** 27 mar. 2020. Disponível em: https://er-educause-edu.translate.google.com/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc. Acesso em: 27 nov. 2021.

JOYE, C; MOREIRA, M; ROCHA, S. Educação a Distância ou Atividade Remota Emergencial: em busca pelo elo perdido da educação escolar em tempos de COVID - 19. **Research, Society and Development**, [S. l.]. v. 9, n. 7, p. e521974299, 2020.

KRAMER, S. **A infância e sua singularidade.** In: BRASIL/MEC. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2ª Ed. Brasília (DF): FNDE, Estação Gráfica, 2007, p. 13-24.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brincadeira e a educação.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. S (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

PROJETO AULA EM CASA. Disponível em: <https://semed.manaus.am.gov.br/prefeitura-de-manaus-e-governo-do-estado-firmam-parceria-e-ampliam-projeto-aula-em-casa-para-450-mil-estudantes/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E DESPORTO DO AMAZONAS (SEDUC). Secretaria Executiva Adjunta Pedagógica. Departamento de Políticas e Programas Educacionais. **Diretrizes Pedagógicas para o Regime Especial de Aulas Não Presenciais**. Disponível em: <http://www.educacao.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/DIRETRIZES-PEDAGOGICAS-23.03.pdf>. Acesso em 26 fev. 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E DESPORTO DO AMAZONAS (SEDUC). Aula em Casa no Amazonas. Disponível em: http://www.aulaemcasa.am.gov.br/?page_id=44. Acesso: 05 de mar. de 2022.

SENHORAS, E. M; ZOUEN, M. E (org.). **COVID-19, Pedagogia e o Ambiente Escolar**. Coleção: Comunicação e Políticas Públicas. v. 78. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020, 147 p.

SILVA, I. R; SILVA, C. R. **O projeto ‘Aulas em Casa’ e a educação remota durante a pandemia do COVID-19**: análise da experiência do estado do Amazonas. Revista Educar Mais. v. 5, n.1, p. 25-34, 2021.